

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL VAI TER APLICAÇÃO PRÁTICA

Verbas escassas à investigação

Depressa veio à tona no diálogo com o cientista, o assunto das verbas governamentais destinadas à investigação científica, verbas, na

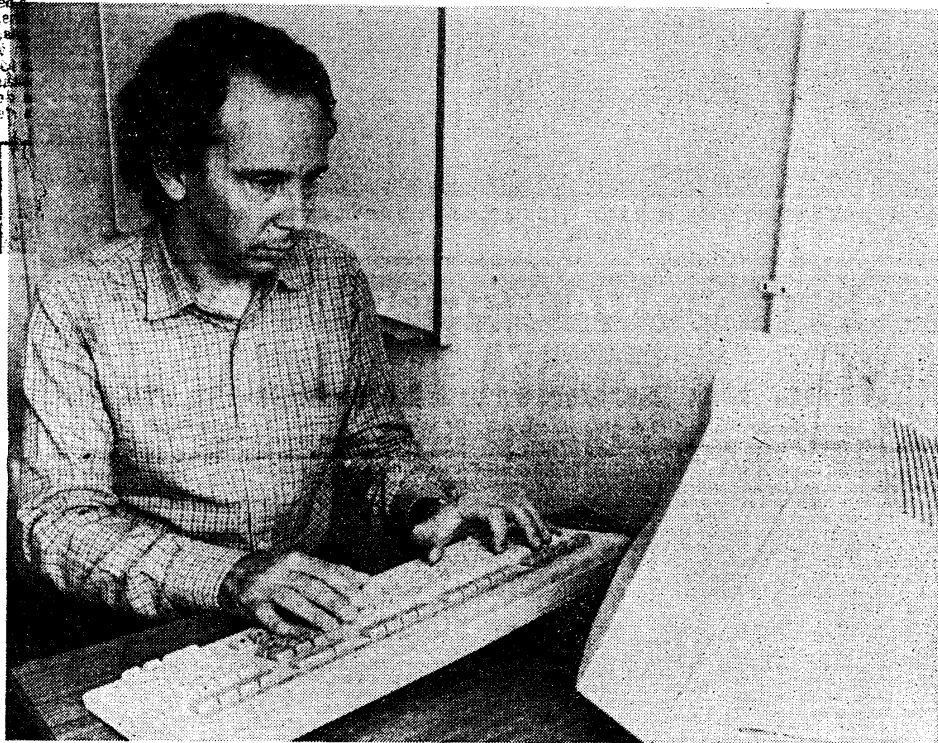
de investigação, dispersos e solicitados por «tarefas menores» de carácter administrativo que nada têm a ver com a inteligência artificial e a investigação a que nesse domínio se dedicam. «Para novas tecnologias, novos métodos...», acentuam.

trangeiro, o N. I. A. publica um boletim em língua inglesa, o «Logic Programming Newsletter», distribuído internacionalmente a 700 subscritores.

Em Janeiro do ano passado, o N. I. A. assinou um contrato com a já citada D. E. C. para a realização do Delta

Máquinas que raciocinam

Explicando a designação inteligência artificial que começa a generalizar-se junto do grande público, e que integra o próprio nome do N. I. A., Moniz Pereira resume em ter-



Luis Moniz Pereira, professor da Universidade Nova de Lisboa, irá este ano, com o eng. Eugénio de Oliveira, partilhar o prémio Gulbenkian de Ciência «ex Caequo» com o prof. José Tiago de Oliveira

opinião de Moniz Pereira, «escandalosamente» escassas.

E deu um exemplo: «Em 1984, o orçamento da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, para novos contratos em todo o País e para todas as áreas científicas foi de seis mil contos, um dos mais baixos de sempre, tendo subido em 1985 para 15 mil contos, o que continua a ser manifestamente pouco.»

Moniz Pereira lança uma crítica directa ao Poder:

«Depois de, durante anos, ter diminuído os recursos da universidade, o Governo descobre, subitamente, que precisa dela para modernizar o País, o que sucede vulgarmente em épocas eleitorais. Desta vez será verdade?»

Estas verbas que os cientistas consideram «escassas», colocam o País — diz Moniz Pereira — na cauda da Europa: «Os financiamentos que recebemos não estão à altura do trabalho que desenvolvemos e das nossas capacidades — sublinha — colocamos-nos ao lado da Turquia e abaixo de tudo o que é europeu, neste momento, nesta matéria.»

Por outro lado — refere ainda — «o Governo retira-nos em Imposto de Transacções e taxas aduaneiras, com uma mão, o que aparenta dar-nos com a outra.»

Os investigadores do N. I. A. dizem não poder dedicar-se plenamente ao trabalho

Referem mesmo a «viscosidade burocrática», exemplificando:

«Somos submetidos a um constante desgaste, desde ir à alfândega levantar o equipamento, até à permanente redacção e envio das propostas e relatórios de contrato, estamos constantemente a dispersar-nos. Depois é o esforço despendido constantemente à procura de verba, não havendo financiamento plurianual nem pessoal de apoio qualificado que nos valha nessas tarefas meramente administrativas e burocráticas. O que nós não conseguiríamos fazer, se aliviados destas tarefas!»

E Moniz Pereira remata pessimista:

«A única política científica que há, é a ausência de política científica, apesar dos esforços de alguns (poucos) membros do Governo.»

Actividades em 1984

As relações internacionais do N. I. A., entretanto, são permanentes e vão em progresso.

«Estão em curso — explica Moniz Pereira — três contratos com companhias internacionais do ramo: dois com a Digital Equipment Corporation e um com a A. P. P. L. E.»

De acordo com estes contratos, o N. I. A. troca investigação fundamental por equipamento. Integrado neste intercâmbio activo com o es-

Prolog numa rede de processadores, acumulando um valor de 250 mil dólares em equipamento D. E. C. para o N. I. A.

A A. P. P. L. E. proporcionou equipamento orçado em 8500 contos. Em Abril, Luis Moniz Pereira e António Porto, do N. I. A., efectuam trabalho de «refereeing» de comunicações para a importante International Conference on Fifth Generation Computer Systems, onde apresentaram duas comunicações.

Internamente e durante o ano passado, o N. I. A. renovou com a J. N. I. C. T. um contrato para o desenvolvimento de sistemas interactivos de conhecimentos, no valor de 2100 contos.

Obtém um financiamento de 33 mil contos do Ministério da Indústria e Energia, mas dos quais só chegaram 5000...

Em Outubro é legalizada a Associação Portuguesa para a Inteligência Artificial, da qual Luis Moniz Pereira é reeleito presidente, ficando outros dois especialistas do N. I. A., António Porto e Vitor Dias em membros da direcção.

No final do ano passado, os projectos em curso no N. I. A. envolviam 12 investigadores, sete do departamento, dois do Centro de Informática da Universidade do Porto, dois bolsistas do Instituto Nacional de Investigação Científica e um tarefeiro. Três deles apresentaram-se a doutoramento durante 1984, orientados por Moniz Pereira.

mos acessíveis à maioria em que consiste afinal a I. A., subdomínio da informática:

«A I. A. interessam as capacidades cognitivas e não só as de cálculo, quer dizer, as actividades mentais que têm a ver com o raciocínio: trata-se de pôr o computador a raciocinar... e a explicar os seus raciocínios, a ser capaz de ser ensinado e a fazer raciocínios novos», acrescenta: «Há raciocínios específicos de cada ramo do conhecimento.»

Sem poupar os órgãos da comunicação social que acusa de «sensacionalismo barato» em matéria de ciência informática, reconhece, no entanto, que «a sociedade obriga os próprios cientistas a fazer «marketing» e sensacionalismo», pois «valores como o da ciência são reduzidos à perspectiva economicista de um merceiro».

Em estudo publicado na revista «Psicologia», Moniz Pereira sustenta que «as máquinas deverão tornar-se cada vez mais humanas», afirmando:

«A nítida descontinuidade entre o homem e as máquinas informáticas já não é defensável, e que estas deverão tornar-se cada vez mais humanas. Contudo, a tecnologia informática evolui hoje mais depressa que o ritmo actual da nossa aprecação sobre ela. Daí, que seja premente o incremento do seu estudo em todas as suas facetas.»